As mulheres de Georges Duby

Georges Duby's women

Ana Luiza Mendes *
Universidade Federal do Paraná

Resumo

O presente artigo pode ser pensado a partir de dois aspectos: o primeiro versa sobre a reflexão acerca das mulheres na Idade Média, e o segundo sobre a produção historiográfica de Georges Duby em relação a esse tema. O próprio Duby alerta para os problemas desse objeto de estudo, uma vez que o que se sabe sobre as mulheres medievais perpassa pelo testemunho masculino que transmitem imagens corrompidas das mulheres, pois elas seriam as responsáveis pelo mal existente no mundo e, portanto, são pérfidas por natureza, segundo a concepção religiosa medieval. Dessa forma, muito mais do que estudar sobre as mulheres medievais, estuda-se os discursos sobre elas e, a partir da obra do medievalista francês, podemos relacioná-los com os silêncios que também podem ser considerados personagens históricos. Além disso, a obra de Duby permite refletir sobre o próprio ofício do historiador que, com sua escrita, pode tornar a História menos obscura, ainda que lide com fragmentos e escassos vestígios.

Palavras-chave: Mulheres, Idade Média, Georges Duby.

Abstract

This article can be thought from two aspects: the first is about the reflection on women in the Middle Ages, and the second about Georges Duby's historiographic production on this theme. Duby himself warns of the problems of this object of study, since what is known about medieval women permeates the masculine testimony that transmits corrupted images of women, because they would be responsible for the evil existing in the world and, therefore, are perfidious by nature, according to the medieval religious conception. Thus, much more than studying about medieval women, we study the discourses about them and, from the work of the French medievalist, we can relate them to the silences that can also be considered historical characters. Moreover, Duby's work allows us to reflect on the historian's own métier, which with his writing can make history less obscure, even though it deals with fragments and scarce traces.

Key-words: Women, Meddle Ages, Georges Duby

● **Enviado em: 23/09/2019**
● **Aprovado em: 07/11/2019**

* Doutora em História pela UFPR. E-mail para contato: analuizam982@gmail.com

A Idade Média exerce um grande fascínio que perdura há séculos e que pode ser visualizado na grande produção de filmes, sobretudo hollywoodianos, acerca dessa temática que, assim, contribui para propagar um determinado imaginário sobre o período medieval. Contudo, o medievo corresponde a séculos da História humana que não podem ser configurados de uma forma homogênea. Talvez seja justamente por isso que sobre o período paire uma aura de mistério e magia.

Esta aura permanece quando tentamos adentrar neste mundo através dos olhos do medievalista francês Georges Duby que, através de uma forma cativante de escrita, nos conduz pelas interfaces da medievalidade. Uma das que mereceu os contornos de suas letras diz respeito às mulheres, cujo estudo no contexto medieval é um tanto quanto nebuloso porque, como aponta o próprio Duby, o que nos foi legado delas é fruto do discurso masculino, ou seja, o que sabemos das mulheres medievais nos chegou de forma indireta. Então, o que nos resta é analisar o que os homens pensavam sobre as mulheres. Porém, ao examinar o discurso masculino também analisamos os silêncios da História sobre as mulheres, procurando, assim como Duby, extrair daí a sensibilidade e a emoção daquela época.

Diante disso, ele adverte que

> é preciso recusar a ideia de que as mulheres seriam em si mesma um objeto de história. É o seu lugar, a sua "condição", os seus papéis e os seus poderes, as suas formas de ação, o seu silêncio e a sua palavra que pretendemos perscrutar, a diversidade das suas representações – Deusa, Madona, Feiticeira...- que queremos captar nas suas permanências e nas suas mudanças. História decididamente relacional que interroga toda a sociedade e é, na mesma medida, história dos homens. [1]

Essa, pois é a perspectiva de Duby ao se deparar por exemplo com discursos sobre Aliénor da Aquitânia (1124-1204) ou Heloísa (1101-1164). As duas eram damas do século XII, pertencentes, pois, à classe privilegiada que por assim se constituir é a detentora dos meios necessários para a perpetuação da sua história. De fato, as fontes que se referenciam à nobreza são mais abundantes do que as que revelam alguma informação sobre as classes menos privilegiadas. Ainda assim, sobre essas duas nobres pouco se sabe. Sobre Aliénor sabe-se mais. Ou melhor, sabe-se muito sobre as impressões em relação à sua pessoa que navegam entre o amor e o ódio, sendo que "a lembrança dessa mulher se deformou muito cedo". [2]

---

1 DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dir.). *História das mulheres no ocidente. Volume 2: A Idade Média.* Porto: Afrontamento, 1990, p. 7.

2 DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 15.

> Desde o romantismo, Alienor foi ora representada como delicada vítima da crueldade fria de um primeiro esposo, incompetente e limitado, de um segundo esposo, brutal e volúvel, ora como mulher livre, dona de seu corpo, desafiando os padres, afrontando a moral dos beatos, porta-estandarte de uma cultura brilhante, alegre e injustamente sufocada, a da Occitânia, contra a selvageria hipócrita, contra a opressão do Norte, mas sempre transtornando os homens, leviana, carnuda, e se divertindo com eles. [3]

Segundo Duby, essa é a lenda que paira sobre a figura de Aliénor que ainda habita a mente de autores de romances históricos e também de alguns sérios historiadores que se deixam desencaminhar por ela. Também nós, reles mortais, nos deixamos desencaminhar pela imagem de uma Aliénor indomável que subverte a imagem que geralmente se dá às mulheres do medievo: submissas e sem voz. A imagem de uma indômita Aliénor muito se relaciona com o fato de podermos considerá-la, como aponta Duby, *a rainha dos trovadores*. Sendo neta do primeiro trovador conhecido, Guilherme IX da Aquitânia (1071-1126), os jogos do amor cortês teriam se difundido também por sua influência. Teria contribuído para esta imagem a sua biografia imaginária de autoria de Bernard de Ventadour (1125-1195) que favoreceu para ligá-los como amantes.

Duby utiliza essas considerações para demonstrar como o fantasioso entrelaça-se com os fatos para criar uma imagem que se perpetua como realidade. Esta, contudo, nunca poderá ser alcançada, uma vez que nenhum testemunho da própria Aliénor sobre os acontecimentos chegou ao nosso conhecimento. Dessa forma, o medievalista salienta sempre que as fontes sobre as quais se debruça não são totalmente confiáveis, uma vez que, além de ser discursos masculinos, estão inseridos nessa linha tênue que divide o sonho da realidade.

Esses discursos masculinos relativos a Aliénor são exclusivamente de homens da Igreja compilados em nove obras históricas compostas entre 1180 e 1200 e que transmitem um ponto de vista desfavorável da rainha.

> Isso por quatro razões. A primeira, fundamental, é que se trata de uma mulher. Para esses homens, a mulher é uma criatura essencialmente má por meio da qual o pecado se introduz no mundo, com toda a desordem que nele se vê. Segunda razão: a duquesa de Aquitânia tinha por avô o famoso Guilherme IX. Ora, esse príncipe, de quem a tradição fez o mais antigo dos trovadores, também havia em sua época excitado a imaginação dos cronistas. Estes denunciaram o pouco-caso que fazia da moral eclesiástica, a liberdade de seus costumes, sua excessiva propensão ao namorico, evocando a espécie de harém no qual, como paródia de um mosteiro de freiras, ele havia mantido para seu

[3] DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 15.

> prazer uma companhia de moças. Dois outros fatos, enfim e sobretudo, condenavam Alienor. Por duas vezes, desembaraçando-se da submissão que as hierarquias instituídas pela vontade divina impõem aos esposos, ela havia pecado gravemente. Uma primeira vez, pedindo e obtendo o divórcio. Uma segunda vez, rejeitando a tutela de seu marido e insurgindo seus filhos contra ele. O divórcio, imediatamente seguido de um novo casamento, foi em 1152 o grande caso europeu. [4]

Aliénor, em 1137, com a morte de seu pai, Guilherme X (1099-1137), tornou-se um excelente partido, pois, na ausência de um varão, era a herdeira do importante ducado da Aquitânia, que englobava Poitou, Gasconha, Limousin, Bas-Berry e Auvérnia. Considerando que o casamento no período medieval era um negócio político, pode-se imaginar os diversos pretendentes que intentaram conseguir a mão e o corpo de Aliénor. O ganhador foi Luís VII de França (1120-1180) com quem ela se casa nesse mesmo ano. Dizem as más línguas dos cronistas da época, como João de Salisbury (1120-1180), que ele era apaixonado por Aliénor, o que não era uma coisa boa, pois exacerbava em muito a concepção de *caritas* que marido e mulher deveriam nutrir um pelo outro.

A condenação desse amor poderia ter surgido após uma investida pela Terra Santa em que a rainha apoia a política de seu tio paterno, Raimundo de Antioquia (1099 ou 1115-1149) e, na volta, em 1149, é acusada de ter cometido adultério com Godofredo, conde de Anjou (1113-1171), pai de Henrique II Plantageneta (1133-1189).

Não podemos confirmar ou negar a acusação. O que podemos é identificar o fato de que Aliénor não era uma mulher comum e isto não era do agrado geral dos homens medievais que viam uma mulher buscando agir no mundo da política, ambiente exclusivamente masculino naquela concepção de mundo. Juntamente com esses mexericos, Aliénor é acusada de ser estéril por não dar um herdeiro ao reino de França. Com Luís ela teve duas filhas. "Estéril, a bem dizer, não era exatamente, e se houve esterilidade não foi por sua causa, como sugere a fecundidade exuberante que demonstrou nos braços de um novo marido". [5] Porém, precisava-se de um varão para dar continuidade à linhagem. A rainha não cumpriu o seu único desígnio naquela sociedade.

Além disso, ela pede pelo divórcio. Absurdo por parte de uma mulher. Quem tinha a prerrogativa de repúdio era o homem. Seu argumento era consanguinidade. Eram parentes em quarto grau, "o que era verdade e, estando os dois mergulhados no pecado, não podiam evidentemente permanecer juntos por mais tempo. Estranha revelação, na verdade: pois,

---

4 DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 16-17.

5 DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 21.

desde que se tinham casado havia onze anos, ninguém se importara com tal parentesco, claro como o dia". [6]

O Papa intervém e casa-os novamente. Menos de três anos depois a consanguinidade voltou à pauta e efetiva-se o divórcio. Porém, uma mulher não poderia ficar à solta dessa forma e a vida monástica, refúgio buscado por muitas delas, não era uma opção para Aliénor, visto ainda carregar consigo Aquitânia. "A rainha voltava a ser em 1152 o que fora aos treze anos, um partido magnífico, uma fortuna para aquele dos pretendentes que viesse a se apoderar dela". [7] Novos pretendentes pululam ao seu entorno. Foi nos braços de Henrique II Plantageneta, dez anos mais novo, que ela caiu. Como rainha da Inglaterra mostrou que além de seu ventre não ser estéril era coroado ao trazer ao mundo mais filhas e filhos que seriam reis, como Ricardo Coração de Leão (1157-1199), seu predileto, ao lado do qual ficará contra Henrique que a prende no castelo de Chinon, após ter sido capturada vestida com uma roupa masculina buscando refúgio junto ao rei de França, seu ex-marido.

> Rebeliões desse tipo, que opunham os filhos ao pai que tardavam a morrer, eram moeda corrente na época, mas era raro ver-se a mãe dos amotinados tomar o partido deles e trair seu marido. A atitude de Alienor causou escândalo, portanto. Assim, falou-se dela em toda parte, recordando-se a as aventuras na França, pois seus gestos punham em evidência as forças terríveis de que é dotada por natureza a mulher, luxuriosa e pérfida. No final do século XII, todos os homens que conheciam o comportamento da duquesa de Aquitânia viam nela a representação exemplar daquilo que ao mesmo tempo os tentava e os inquietava na feminidade. [8]

Todos esses acontecimentos, assim como suas análises e julgamentos foram transmitidos por homens. Assim, como aponta Duby, esses testemunhos não são neutros e cabe ao historiador analisar esses relatos como construidores do imaginário sobre as mulheres que é real no sentido em que reconhecidos como verdadeiro naquele período.

Nesse contexto, as informações que temos de Aliénor não representam quem realmente ela foi. Esses testemunhos fundamentam uma imagem vaporizada. Se Aliénor é uma imagem vaporizada, como definiríamos então aquelas mulheres, cujos relatos são menos abundantes do que os dela? Como exemplo há Heloísa (1101-1164) que, ainda que dama, pouco sabemos sobre ela e o que sabemos a transforma como um adendo ao nome de Pedro

6 DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 20.

7 DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 22.

8 DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 24/25.

Abelardo (1079-1142). Mas talvez a vinculação de seu nome com o do filósofo se constitua no motivo pelo qual ela seja uma lembrança feminina menos evaporada do período medieval. Ainda assim, pouco se sabe sobre sua vida sem Abelardo.

Como Duby aponta, o mais substancial que se tem dela é proveniente de uma carta escrita em 1142 por Pedro, o Venerável, (1092-1156) que informa a Heloísa sobre a morte de Pedro Abelardo. A missiva revela que Pedro, o Venerável "é um escritor de renome, gosta de jogar com palavras, com frases. É insuperável nesse jogo. Ele aplica toda a sua habilidade, seu perfeito conhecimento das regras da retórica, em polir essa epístola, uma carta de consolo, de reconforto, como muito se escreveu nos mosteiros do século XII". [9]

Com a referência a esse acontecimento literário Duby pretende nos introduzir ao contexto dessa prática. Ressalva-se que a escrita nesse período era um jogo, como o próprio historiador indica, pois baseava-se nas regras da retórica. Além disso, a sociedade medieval era uma sociedade da coletividade, de modo que essas cartas não eram para serem lidas no isolamento de um recanto qualquer. Eram para serem lidas em voz alta, para um público, para que suas implícitas exortações de conduta fossem apreendidas.

Essa ponderação sobre a concepção de escrita medieval se faz importante porque esse é o meio pelo qual a história de Heloísa nos foi legada. Porém, as correspondências entre Abelardo e Heloísa suscitam dúvidas sobre sua autoria. Essas cartas

> são autênticas – no que se refere à verossimilhança, pelo menos: nada é completamente certo a propósito dos textos desse gênero, muitos dos quais são desafios virtuosíssimos, modelos de belo estilo feitos para brilhar nas reuniões literárias ou então compostos como exemplos de bela escrita para estudantes que se iniciam nas artes liberais.[10]

A interpretação sobre a autoria dessas fontes não é homogênea. É certo, porém, que elas foram compiladas da forma como a conhecemos, em época posterior ao período dos eventos narrados e da sua própria redação e conservadas com base no exemplar existente na Biblioteca de Troyes, cuja cópia data do final do século XIII.

Diante disso, Duby nos prepara para, em certa medida, duvidar da fonte. Na verdade, nas três obras que compõem a sua trilogia sobre as mulheres da Idade Média[11] e em outras em que toca nessa temática, ele reitera a necessidade de compreender que essa literatura, que

9 DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 56.
10 DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 58
11 Heloísa, Isolda e outras damas no século XII; Damas do século XII: a lembrança das ancestrais e Eva e os padres: damas do século XII.

essas fontes não são realistas. Dessa forma, ele tenta reconstruir um sistema de valores a partir de fragmentos deformados e imperfeitos dessas mulheres.

Nesse contexto, a interpretação sobre a figura de Heloísa ganha relevo porque insere-se num contexto em que a Igreja passa a se preocupar mais com as mulheres, fato que pode ser compreendido através da constatação de que as cartas endereçadas a elas por homens da Igreja, como a de Pedro, o Venerável a Heloísa, podem ser consideradas, segundo Duby, como um indício da mudança de concepção sobre o feminino, pois as mulheres passam a ser vistas como responsáveis pelos seus atos e, assim, da sua salvação, diferente do que acontecia em séculos anteriores em que os seus maridos eram responsáveis pelos seus atos. Além disso, a grande maioria das cartas eram endereçadas às mulheres de homens poderosos, constituindo-se não só em prescrições religiosas e morais, mas também em petições. [12] A solicitação de intervenção junto a um grande senhor presumia, portanto, um certo poder, ainda que no âmbito privado que, contudo, não deixava de ser político.

Outro aspecto que teria contribuído para a maior atenção da Igreja em relação às mulheres estaria relacionado à crença na possibilidade da sua salvação auxiliada pelo crescimento do culto mariano no século XII. Nesse contexto também há o crescimento da veneração de

> santas matronas em alguns lugares da Europa na virada dos séculos XII e XIII, na época em que, como Jacques Dalarun disse e provou, o cristianismo começava a se feminizar. Isso dá valor ao testemunho, e, por mais local que tenha sido essa aventura, ela diz muito sobre o que os homens da época pensavam das mulheres [13],

Assim, contrapondo a imagem da mulher como Eva, pecadora, e Maria Madalena, como redimida, soma-se a figura da santa, Maria, que pode ser alcançada por essas mulheres comuns. Sobre esse assunto, Duby cita uma obra escrita por um clérigo da corte de Henrique II Plantageneta, *Jeu d'Adam,* a qual apresenta uma visão menos obscura de Eva e, portanto das mulheres, ao colocá-la como semelhante ao marido, seu par, seu igual[14]. Portanto, há salvação para elas.

---

12 Duby, Georges. *Women of the twelfth centuryi: Eve and the Church.* Chicago: The University of Chicago Press, 1998, p. 62.

13 DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 100.

14 Duby, Georges. *Women of the twelfth centuryi: Eve and the Church.* Chicago: The University of Chicago Press, 1998, p. 80.

Heloísa se redime. Entra para a vida monástica como determinou seu esposo Abelardo que, destituído de suas capacidades viris por conta da castração, vê na vida religiosa a forma de purgar seus pecados e os de Heloísa. Contudo, as cartas atribuídas a ela geram desavenças interpretativas em relação ao seu comportamento. Os estudiosos que defendem que as cartas não são efetivamente dela defendem a escrita masculina dessas correspondências, cujo objetivo era uma apologia do casamento, ao qual Heloísa, apesar de certa resistência inicial, se rende. Tal resistência e a constante recusa de Heloísa a esquecer o amor carnal que sente por Abelardo são compreendidos como um natural desvio do comportamento feminino. "Em sua natureza feminina, Heloísa não consegue se arrepender". [15]

Por outro lado, em contraste com o pensamento da Igreja havia o pensamento transmitido pela literatura cortês, mais especificamente o do amor cortês que pregava o amor livre, isto é, dissociado do casamento que era puramente um contrato, uma obrigação. As composições dessa literatura fazem uma inversão na hierarquia social e os homens colocam-se como vassalos amorosos das mulheres que, assim são colocadas num primeiro plano e numa posição superior.

Dessa forma, essa literatura não é vista apenas através de seu aspecto ideal e imaginativo, uma vez que surge num contexto em que, para alguns estudiosos, há uma promoção da posição da mulher na sociedade nesse período e, assim, também há uma modificação da sua percepção pelos olhares masculinos, como o atestaria a preocupação da Igreja em relação à sua salvação. Essa literatura, dentre outros aspectos, teria o objetivo da diversão e deveria apresentar elementos que fizessem com que os espectadores, dentre eles as mulheres, sentissem certa identificação apresentando, assim, mulheres não tão submissas. Essa menor submissão está relacionada com o fato de que as mulheres passaram a ser menos vigiadas, aspecto que pode ser vinculado com a promoção feminina que teve em André Capelão, autor do *Tratado do Amor cortês*, um dos primeiros a dar palavra às mulheres, ainda que sua obra se constituía em uma ironia, segundo Duby.

Para alguns estudiosos, todavia, essa promoção da mulher existiu apenas no campo literário. Contudo, outros compreendem essas composições como o testemunho de uma real promoção do papel feminino naquela sociedade. Duby, num primeiro momento coloca-se no primeiro grupo, definindo as correspondências como uma obra misógina, pois se constitui em

[15] DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 66.

um discurso sobre a superioridade funcional do homem. [16] Entretanto, ao final de *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII,* ele muda de ideia e reconhece a que

> verdadeira promoção da mulher não está no acréscimo de ornamentos com que os homens, à medida que seu nível de vida se eleva, revestiram as mulheres. Não está nas aparências de poder que cederam a elas a fim de melhor dominá-las. Não está nos disfarces do jogo do amor cortês. Num tempo em que o cristianismo cessava aos poucos de ser principalmente uma questão de ritos e pompas exteriores, de gestos, de fórmulas, em que se tornava cada vez mais privado, a relação com o divino sendo concebida como um impulso amoroso da alma, o que realçou a condição da mulher foi a tomada de consciência de que ela pode, como Madalena ou como Heloísa, servir de exemplo aos homens por ser às vezes mais forte que eles. [17]

Contudo, Duby pondera. Reconhece que não há dúvidas de que essas mulheres continuaram submissas ao poder dos homens que persistiram a julgá-las como perigosas e frágeis. Porém, alguns deles as descobriram não só como objetos, mas também como sujeitos de amor. Assim, "viam-nas com um olhar menos desdenhoso. Foi assim que insensivelmente elas começaram a se livrar dos entraves mais estritos que lhes impunha o poder masculino". [18]

Todavia, Duby salienta que ele não é um historiador das mulheres. Ele é um historiador da sociedade medieval. Assim, a sua trilogia sobre a temática das mulheres busca, sobretudo, compreender a sociedade medieval através da reconstrução do seu sistema de valores que podemos ver expresso nas representações dessas mulheres. Além disso, ele utiliza fontes literárias para tentar se aproximar dessas representações femininas. Essa literatura, como ele mesmo aponta, não é todo realista, como podemos observar na construção da figura de Aliénor ou de Heloísa ou de outra mulher cujo discurso ativo não chegou até nós. O que nos resta, então, como ele mesmo afirma, é analisar a construção dessas imagens que se faz através de uma tradição de escrita misógina que, além de divertir também tem o objetivo de educar.

Dessa forma, Duby aponta também para a análise do silêncio. O fazer histórico desenvolvido por ele, portanto, entrelaça essas imagens por vezes deformadas e o não dito. O que não é dito, diz muito, como pode ser observado na análise da literatura genealógica, a qual fala muito mais de homens do que de mulheres que, contudo, estavam inseridas no jogo da perpetuação da linhagem. Assim, as genealogias, além de celebrar os antepassados, eram

16 DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 74.
17 DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 124.
18 DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 125.

necessárias para que se soubesse quem eles eram para se evitar o incesto condicionado até a sétima geração, pressuposto fundamentado pelas exigências da Igreja pela exogamia. Contudo, como vimos com Aliénor e seus dois maridos e com tantas outras, o incesto nem sempre era um impedimento para uma barganha marital-política. Por este motivo, Duby apresenta o estudo das mulheres através da literatura genealógica como dicotômico porque sua posição era inferior, visto o fato de poucas referências a elas, mas ao mesmo tempo eram importantes no jogo político, do qual o casamento era um ponto chave. Além disso, sua linguagem era, na maior parte das vezes, de nível superior ao do marido. Em relação a este ponto, é sintomática uma passagem de *Guilherme Marechal* em que Duby aponta para o fato de que tudo o que o marechal possuía, ou quase tudo "veio dos ancestrais da mulher, e ele só teve em nome dela, 'por sua autoridade'". [19]

Dessa forma, Duby nos mostra que as relações pessoais e sociais no período medieval estavam longe de serem homogêneas. A posição da mulher era dicotômica o que mostra a complexidade do assunto ao qual Duby se debruçou no final de sua vida.

A dicotomia apresenta-se na própria compreensão das fontes, como no caso da literatura genealógica, cujo objetivo primário era o de preservar a memória de uma linhagem. Interessante notar que, como Duby salienta, às mulheres cabia o papel de donas da memória, pois pertencia a elas a evocação das datas relacionadas aos antepassados. Porém, nessas fontes há poucas referências a elas. Isto pode estar relacionado com o fato de que essa literatura surge num momento em que a cultura dos cavaleiros sai das sombras e é preciso legitimá-la. Assim, as mulheres são relegadas a um segundo plano, diferentemente da literatura cortês em que sua hierarquia é superior. Isto porque a genealogia trata de linhagem e ela "era assunto de homens. Assunto dos senhores que, pela efusão de sua semente, procriavam o menino destinado a tomar a frente da casa quando eles houvessem deixado este mundo, que, com esse objetivo, tinham desposado a mulher que seu pai lhes arranjara e a haviam fecundado". [20]

Essa passagem corrobora com a ideia de que a literatura genealógica era uma ode aos valores e assuntos masculinos, com também era o casamento.

> Coisa séria, o casamento é assunto masculino. Naturalmente, a partir de meados do século XII, a Igreja fez admitir na alta aristocracia que o vínculo conjugal se estabelece por consentimento mútuo, e todos os textos,

[19] DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou o melhor cavaleiro do mundo.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987, p. 14.

[20] DUBY, Georges. *Damas do século XII: a lembrança das ancestrais.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 36

> especialmente a literatura genealógica, afirmam claramente este princípio: a que é entregue, aquela que um homem dá em casamento a outro homem, tem uma palavra a dizer. Ela a diz?
> Na verdade, não faltam alusões às jovens insubmissas. Mas tais reivindicações de liberdade são denunciadas como censuráveis no momento em que a jovem recusa aceitar aquele que foi escolhido para ela, e que afirma amar um outro, no momento em que ela fala precisamente de amor – e logo o Céu a castiga. Ou então essas resistências são objeto de louvor quando se trata de um outro amor, o amor a Deus, quando as núpcias são repelidas por um desejo de castidade. [...] As mulheres estão normalmente sob o poder dos homens. A regra estrita era que as moças fossem entregues. Bem cedo. [21]

Nesse contexto, Heloísa era um mau exemplo porque era insubmissa. Pregava o amor livre, rejeitando o casamento. Por este motivo é que alguns estudiosos veem a suas cartas a Abelardo como uma invenção masculina, cujo intuito era educar e elogiar o casamento. Heloísa rende-se. Casa-se. Converte-se à vida religiosa. Todas as ações prescritas por seu marido. O casamento, pois, vence. Porém, também se pode interpretar sua entrada para a vida religiosa como uma alternativa à vida conjugal com outro homem a quem seria dada, visto Abelardo ter deixado a vida mundana. Assim, a vida monástica, para além da vocação, também se constituía como uma alternativa ao casamento, por vezes, fastidioso para as mulheres. A vida religiosa, então, poderia ser considerada como um meio da subversão. Todavia, é possível identificar também casos de mulheres que, após a viuvez, não entraram para a vida monástica e não se casaram novamente, passando a gerir o seu senhorio. Dessa forma, é possível verificar que as práticas sociais femininas não eram totalmente restritas ao âmbito do privado. Isso subvertia o pensamento de que as mulheres eram naturalmente inferiores, porque nelas reinava a fragilidade e os pecados da carne, enquanto os homens eram regidos pela racionalidade. Por esse motivo elas não poderiam assumir a prática de poder em público. Entretanto, quando da viuvez ou da ausência de seus maridos elas tomavam, em muitos casos, as rédeas do poder do senhorio.

Todavia, "não era apropriado para elas exercerem poder público. Se, por acaso, por seu marido estar longe em uma campanha, ou ter morrido, uma mulher era obrigada a tomar as rédeas do poder, ela deveria superar sua natureza, transformar a si mesma e, dolorosamente, tornar-se um homem". [22]

---

21 DUBY, Georges. *Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 34-35.

22 DUBY Georges. *Women of the twelfth centuryi: Eve and the Church.* Chicago: The University of Chicago Press, 1998, p. 51. Tradução da autora. Original: It was not appropriate for them to exercise public power. If, by chance, because her husband was far away on a campaign, or had departed this world, a woman was obliged to take up the reins of power, she must overcome her nature, transform herself and, painfully, become a man.

Isso tudo porque era preciso fundamentar o avesso da ordem, porque a princípio tal subversão era concebida como pecado. Porém se analisarmos sob esta perspectiva, quase todas as mulheres analisadas por Duby em *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII,* subvertem a ordem de alguma maneira. Aliénor inflama-se contra o marido. Duas vezes. Heloísa se inflama contra o casamento; Isolda se inflama de amor por alguém que não é seu marido; Juette não se inflama de amor, mas se inflama de poder sobre mulheres que deveriam estar disponíveis para o negócio do casamento. Diferentemente, a última imagem feminina analisada, Phénice, apresenta-se na obra de Chrétien de Troyes como

> a antítese de Tristão. A imagem de Phénice surge assim em exata contraposição à de Isolda. Assim que se apaixona por Cligés, Phénice, dominando o próprio desejo, se defende com vigor. [...]
> A fim de que a contradição fique evidente, Chrétien retomou para seu romance certos esquemas de Tristão. Os dois poemas tratam de um sobrinho, da esposa de um tio, da paixão amorosa entre mulheres casadas e cavaleiros solteiros, e é em pleno mar que o amor de Alexandre se revela. Enfim, também o filtro está presente. No entanto, primeira diferença, os amantes são nitidamente mais jovens: Chrétien o assina, Cligés não tem ainda quinze anos. Ele é tão núbil como Phénice, como Dorée d'Amour o era. Sobretudo, o amor não é aqui o efeito de uma daquelas misturas que as mulheres preparavam. Nasce de uma troca de olhares: "Seus olhos se entregam e ela toma os dele". [23]

É interessante notar que as figuras femininas analisadas por Duby permitem identificar diferentes semblantes de mulher e diferentes concepções sobre sua imagem. Assim, por um lado tem-se o discurso da literatura cortês que influencia a criação literária, mas também permeia as imagens de Aliénor e Heloísa. Dessa forma, o imaginário cortês além de sua carga idealizante também mantinha relações com a realidade, uma vez que surge num contexto em que há mudanças de pensamentos e comportamentos e contribuiu, em certa medida, para moldar um ideal de mulher.

Por outro lado, tem-se o discurso em que o casamento figura como um dos elementos centrais das preocupações medievais, uma vez que através dele tinha-se a perpetuação de um dos fundamentos daquela sociedade, a linhagem.

O elogio ao casamento também se liga à ideia de que a mulher se realiza nele e na maternidade, exemplificada por Duby com Ida de Boulogne, cujo ápice de sua biografia é o momento da sua passagem de virgem à esposa. O autor da sua biografia

> toma o cuidado de mostrar que a passagem se operou segundo as conveniências sociais e morais. Na boa ordem. O homem que deflorou Ida era,

[23] DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 114.

> como convinha, do seu nível, um "herói", "mui nobre de raça", "do sangue de Carlos Magno", "de mui extraordinário renome", e vemos aqui o acento posto ao mesmo tempo sobre a necessidade de isogamia e sobre o papel do renome, que permite "que os valentes se unam". Então casada, seu principal mérito foi ser mãe. Ela pôs no mundo três filhos (das filhas o texto não diz uma palavra): o segundo foi Godefroi de Bouillon, o último Baudoin, rei de Jerusalém. Incontestavelmente, as atenções de que foi objeto na altura de seus sessenta anos, o odor de santidade que se espalhou em torno do túmulo, Ida os deveu ao destino de seus dois filhos, ao fato de que os dois primeiros soberanos da Terra Santa haviam saído do seu ventre. A santidade da união conjugal se mede, com efeito, pela glória dos homens que são frutos dela. [24]

Diante disso, Duby percebe que "a *vita* inteira se organiza como uma celebração do parto" [25], e poderíamos dizer que a própria vida da mulher.

Entretanto, há uma literatura que mostra outro lado da percepção do casamento. Um exemplo disso são as referências às malcasadas em uma fonte literária não foi abordada por Duby, as canções trovadorescas. Nelas, ainda que escritas em sua grande maioria por homens, há a identificação de mulheres que condenavam sua situação marital e cantavam o amor por outro que não o seu marido.

Para não dizer que Duby não traz nenhuma referência a uma malcasada, em contraposição à matrona realizada Ida, o medievalista apresenta-nos Godelive, cuja biografia não foi redigida a pedido de uma família ilustre pelos monges de um mosteiro familiar, mas devido a pressão de fiéis que desenvolveram o seu culto numa aldeia de Flandres.

> Seu destino, como o de todas as moças, era ser casada ao sair da pueritia [infância]. Ao contrário de Ida, no entanto, empregaram-se procedimentos pervertidos. Desde o início, desde a desponsatio, desde a conclusão do pacto. Essa virgem era devota, como o são toda as santas na sua infância. Requisitada no entanto por um bando de pretendentes. Inflamados de "amor", dizem os dois textos. […] Um desses juvenes, Bertolf, era "poderoso", de "raça ilustre pela carne", oficial do conde de Flandres na região de Bugres. Foi ele quem a conquistou. Não que a própria Godelive o tenha escolhido. Ela não tinha o direito. O pretendente não falou com ela mas com seus pais, os senhores, que a cederam. O acordo foi falseado por duas razões: de início, Bertolf havia seguido apenas sua "vontade". Sua mãe deveria repreendê-lo por isso, por não ter pedido conselho a ela mesma e a seu pai, e essas crítica atingiam o alvo: o bom casamento não é assunto individual mas de família […]. [26]

Após o casamento, abandonada, deixada a pão e água,

---

24 DUBY, Georges. *Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 49-50.

25 DUBY, Georges. *Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 51.

26 DUBY, Georges. *Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 58-59.

> esfomeada, descalça, Godelive se encaminhou para a terra natal. Não sozinha, mas com um companheiro: porque as mulheres que não são desavergonhadas não vão pelos caminhos sem escolta. Ela reclamou justiça, mas junto a seu pai: não convém com efeito à mulher, sempre em minoridade, defender ela própria seus direitos; ela os delega a um homem de sua linhagem. [27]

Godelive deve voltar ao marido e, posteriormente,

> é estrangulada, mergulhada na água como num novo batismo, sacralizando essa água, tornando-a maravilhosa. Ela é finalmente recolocada no leito e vestida de novo. De manhã, as pessoas da casa encontram-na, aparentemente intacta. Logo, entretanto as primeiras dúvidas: a suspeita, murmurada apenas, porque nasce entre os mais pobres. Logo também o milagre: a multiplicação dos pães na refeição funerária, em favor ainda dos pobres. Logo, por fim, o culto: a água que cura – sempre os pobres – e as pedras que se tornam gemas.[28]

O caso de Godelive é sintomático no que diz respeito ao fato de que à mulher não cabia outro destino a não ser o casamento que, mesmo infeliz, deveria se manter. O martírio de Godelive tornou-se responsável pelo desenvolvimento do seu culto e sua biografia também pode ser compreendida como uma forma de demonstrar que as mulheres que viverem na retidão ganharão o reino dos céus.

Essas diferentes concepções demonstradas por distintas literaturas que coexistiam nos permitem verificar a complexidade das relações entre mulheres e homens que, segundo Duby, não devem ser dissociadas. Ele inclusive afirma que não compreende uma história das mulheres separada de uma história dos homens, uma vez que estão conectadas, como podemos observar na tessitura da sua análise sobre os discursos masculinos sobre as mulheres que, por mais que não nos revelem a veracidade da sua convivência, nos permite visualizar as ideologias[29] que as permeavam.

> Se não resta a menor dúvida de que a Idade Média é uma idade dos homens convencidos de sua superioridade, é igualmente real que o discurso masculino concede espaço importante às mulheres. Elas são, antes de tudo, o objeto do desejo,

27 DUBY, Georges. *Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 61.

28 DUBY, Georges. *Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 64-65.

29 Conceito utilizado com base sentido criado por Antoine Destutt de Tracy (1754-1836), que cunhou o termo no século XVIII unindo as palavras de origem grega, eidos e logos, criando o sentido de ideologia como um estudo sistemático das ideias, visando o estudo da origem e da formação das ideias. Assim, o sentido utilizado nesse trabalho é o de conjunto de ideias. Para maiores informações sobre o termo vide: IDEOLOGIA. In: ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 531.

> logo do medo e, consequentemente, vítimas do desprezo, atrás do qual os homens pretendem esconder a ambiguidade de seus sentimentos. [30]

Assim, ainda que deformadas, as imagens dessas mulheres nos permitem visualizar um mundo ordenado de forma não tão homogênea e não tão organizado aos moldes do discurso dos homens da Igreja que tinham medo das mulheres, como afirma Duby. [31]

Considerações finais

É interessante identificar o método por meio do qual Duby nos apresenta esses discursos sobre as mulheres. Ele utiliza diferentes fontes para analisar o mesmo objeto que, contudo, suscita distintas perspectivas. O medievalista, portanto, confronta as fontes para demonstrar os divergentes pontos de vista que um objeto pode ter por conta das variadas concepções de mundo coexistentes naquele período.

No caso dos discursos sobre as mulheres podemos observar por intermédio das suas obras a existência de basicamente de duas perspectivas: a leiga e a eclesiástica. A primeira tem como objetivo preservar um modo de produção que se sustenta através do estado de uma casa, fundamentado na noção de herança. A função primordial da mulher nesta estrutura é "dar filhos ao grupo de homens que a acolhe, que a domina e que a vigia". [32] A segunda tem como intuito reprimir as pulsões da carne, o mal que se faz através do casamento, considerado um mal menor, pois conteria a fornicação e direcionaria o sexo somente para a procriação. Este modelo é o mais documentado, feito que contribuiu para que ele fosse considerado hegemônico, além do fato de ter tentado se inserir no modelo leigo, como pode-se compreender das reformulações feitas no que diz respeito ao casamento, como a sua publicidade para conter o incesto, constituindo-se como uma forma de manter a ordem social.

Em reação a ele tem-se o modelo leigo, representado na literatura cortês, colocando a mulher em primeiro plano e transmitindo um espírito antimatrimonial de forma a "reclamar contra toda as pressões sociais". [33] Num primeiro momento, Duby desconfia dessa literatura. Ou melhor, ele sempre desconfia dela, mas de início desconfia também da sua concretude. Não

---

30 RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros.Georges Duby. O prazer da História. *Signum.* São Paulo, v. 4, 2002, p. 23.

31 DUBY Georges. *Women of the twelfth centuryi: Eve and the Church.* Chicago: The University of Chicago Press, 1998, p. 78.

32 DUBY, Georges. *Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p, 15.

33 DUBY, Georges. *Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 29.

reconhece que ela, de fato, tenha sido uma reação na prática, sobretudo no que diz respeito à certa elevação da condição da mulher na sociedade medieval a partir do século XII. Isto porque esta literatura reflete a promoção da mulher, assim como todas as modificações no comportamento dos homens, dos seus interesses e desejos. Novamente são os homens que importam. [34]

Contudo essa literatura resistiu por séculos, portanto ela agradou não só pelo divertimento, mas também pela representatividade, uma vez que poderíamos assumir, segundo Duby, que o que essa literatura transmitia não deveria ser tão estranho para o público que poderia reconhecer alguns de seus atos, ou ao menos seus sonhos representados nas figuras dos heróis e heroínas dos romances e canções. "Como as vidas de santos, a literatura de entretenimento oferecia modelos".[35] E, "acessoriamente, mas de maneira decisiva, o fino amor contribuiu para a educação das damas e das donzelas, e é aqui que se pode falar da sua 'promoção'". [36]

Além disso, como Duby aponta, essa literatura surge num contexto em que há progressos nos campos materiais que são acompanhados pela emergência de um sistema ideológico próprio da aristocracia que comporta a noção de cavalaria e um novo modo de ver o mundo e de se comportar nele.

Dessa maneira, o excedente desse crescimento material foi empregado em criações culturais que passaram a ser vistas como progresso. Nesse contexto, os príncipes, ansiosos pelas virtudes dos reis, também se tornaram patrocinadores contribuindo para a multiplicação dos postos "intelectuais" que fundamentavam um novo tipo de cultura e as cortes como foco de criação cultural, vinculando os poderosos a gente de pena, cenário que permite a possibilidade da ação das vozes das mulheres de forma mais efetiva.[37]

Analisando as obras de Duby como um conjunto é possível perceber como ele aponta as dicotomias medievais acerca do pensamento e ação das mulheres naquele período. Ele se preocupa sempre em reiterar as deturpações que as fontes podem conter do real que nunca poderá ser apreendido como um todo. O que nos resta, portanto, é reconstruir sistemas de

---

34 DUBY Georges. *Women of the twelfth centuryi: Eve and the Church.* Chicago: The University of Chicago Press, 1998, p. 99. Tradução da autora.

35 DUBY Georges. *Women of the twelfth centuryi: Eve and the Church.* Chicago: The University of Chicago Press, 1998, p. 82. Tradução da autora. Original: Like the lives of the saints, the literature of entertainment offered models.

36 DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dir.). *História das mulheres no ocidente. Volume 2: A Idade Média.* Porto: Afrontamento, 1990, p. 346.

37 DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dir.). *História das mulheres no ocidente. Volume 2: A Idade Média.* Porto: Afrontamento, 1990, p. 593.

valores e de representações, tentando, através delas, o esclarecimento de uma época [38], mostrando-as através da dialética das suas sociabilidades e relações.

Diante disso, podemos dizer que ele seguiu na prática a proposta sugerida pelos *Annales* e desenvolveu uma historiografia globalizante, no sentido de abordar diferentes perspectivas para a análise da sociedade medieval que, como ele mesmo afirma, era o seu objeto de estudo. Dessa forma, ele substitui uma abordagem de causalidade por uma que preza pelas correlações. "Isso o leva a pensar que tudo é determinado por tudo" [39], pois ele

> percebia, sobretudo, que uma sociedade, como uma paisagem, é um sistema cuja estrutura e evolução são determinadas por múltiplos fatores, que as relações entre esses fatores não são de causa e efeito, mas de correlação, de interferência, que convém, por uma questão de método, examinar um por um tais fatores, numa primeira etapa, pois cada um deles atua e evolui em seu próprio ritmo, mas que é imperativamente necessário considerá-los na indissociável coesão que os une, se quisermos compreender o funcionamento do sistema. [40]

Assim, mesmo que grande parte da sua obra tenha sido escrita por encomenda, ela apresenta-se de forma extremamente coerente dentro dessa perspectiva proposta pela "escola" da qual fez parte.

Diante disso, há estudiosos que defendem a ideia de que Duby não só colocou em prática os preceitos dos *Annales* como os ultrapassou a ponto de fundar uma outra escola historiográfica, a qual busca a "superação dos limites, da explicação do universo social e cultural através dos modos de comportamento, de adequação à realidade cotidiana, dos modos de conceber o corpo e o mundo ao seu redor" [41], associada a uma escrita que alia paixão e lucidez, erudição e retórica. [42]

Desse modo, suas obras se relacionam e mostram as diferentes facetas, englobando a geografia, a demografia, a economia e as representações mentais e ideológicas, de como a sociedade medieval pode ser compreendida, sem, contudo, deixar de analisar a correlação entre elas.

---

38 ODÁLIA, Nilo. *O saber e a História. Georges Duby e o pensamento historiográfico contemporâneo.* São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 46.

39 DOSSE, François, "Georges Duby, o historiador da globalidade". In: DOSSE, François. *A História à prova do tempo. Da História em migalhas ao resgate do sentido.* São Paulo: UNESP, 1999, p. 106.

40 DUBY, Georges. *A História continua.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 13.

41 COSTA, Milton Carlos. *Compreender Georges Duby. Introdução à obra de um medievalista dos Annales.* São Paulo: Alameda, 2015, p. 12.

42 COSTA, Milton Carlos. *Compreender Georges Duby. Introdução à obra de um medievalista dos Annales.* São Paulo: Alameda, 2015, p. 28.

Interessante pensar que as obras dedicadas ao exame dos discursos sobre as mulheres medievais foram desenvolvidas no final de sua vida, de acordo com o seu projeto historiográfico.

> Ele diz que buscou estudar, durante cinquenta anos, os costumes e crenças da Idade Média e que a investigação ficaria incompleta se a mulher não estivesse incluída nela.
> Os homens da Igreja foram os únicos que falaram das mulheres medievais. A pergunta do historiador é: o que nós conhecemos da mulher? A sua ambição é fazer uma aproximação da história das mulheres apoiada nas fontes. Ele deve evitar as armadilhas nas quais caíram as feministas extremistas ou os historiadores fanatizados por Joana D'Arc ou Leonor da Aquitânia. [43]

Assim, além de podermos usufruir do excelente trabalho de Duby sobre o estudo das mulheres medievais também podemos apreender a sua concepção sobre o ofício do historiador. Ele confessa seu afeto pelas fontes, o que pode ser identificado também pela sua escrita, mas consegue compreender que esse sentimento não deve interferir na sua análise. Entretanto, a objetividade necessária na investigação da História não impede que a sua escrita seja prazerosa e nos enleve num movimento catártico.

Ele mesmo, em uma entrevista, faz comentários sobre as limitações do historiador em relação à expressão literária e nos apresenta sua técnica ao dizer que trabalhava as frases, "mas respeitando as regras do meu ofício, estes imperativos que distinguem o historiador do romancista e do poeta. O historiador não é livre. Ele deve escrever fielmente o que ele extrai dos documentos, de todos os traços do passado que ele encontra e que ele é estritamente impedido de manipular". [44] Todavia, é possível, em certa medida, soltar "as rédeas da imaginação e ao mesmo tempo, as rédeas da escrita. O historiador se concede um pouco de liberdade do romancista, mas com infinitas precauções e com o mais estrito respeito de sua moral". [45]

Duby rompe, portanto, com as amarras da escrita universitária, por vezes, coercitiva. Ele desenvolve um estilo poético para exprimir conteúdos sensíveis sem, contudo, se desfazer da responsabilidade ética do tratamento vigoroso das fontes. François Dosse, em uma

---

43 COSTA, Milton Carlos. *Compreender Georges Duby. Introdução à obra de um medievalista dos Annales.* São Paulo: Alameda, 2015, p. 45.

44 COSTA, Milton Carlos. *Compreender Georges Duby. Introdução à obra de um medievalista dos Annales.* São Paulo: Alameda, 2015, p. 60.

45 COSTA, Milton Carlos. *Compreender Georges Duby. Introdução à obra de um medievalista dos Annales.* São Paulo: Alameda, 2015, p. 60.

entrevista[46] concedida após a morte de Duby, elogia a escrita dele e a relaciona com um modelo diferente de História, diferente inclusive da proposta dos *Annales*, criando assim uma outra escola historiográfica em que "a História pode ser considerada um divertimento". [47]

Dessa forma, Duby nos apresenta também uma nova forma de concepção de História, a qual concilia a escrita literária com a erudição própria do historiador para que a fonte seja bem analisada, o que podemos ver na prática da sua abordagem sobre as mulheres medievais.

Porém, ainda que Duby seja um modelo, o estudo sobre esse assunto não se encerrou com a sua pesquisa. No último livro da sua trilogia sobre as mulheres ele se propõe uma questão:

> cerca de quinze anos atrás, no final de meu livro, *O cavaleiro, a mulher e o padre*, eu coloquei uma questão: o quanto nós realmente sabemos sobre a mulher? Desde então eu tenho procurado através dos traços deixados pelas mulheres do século XII. Eu me afeiçoei por eles. Eu sabia muito bem que eu não veria nada dos seus rostos, dos seus gestos ou qualquer de suas danças ou risos, mas eu tinha esperança de ver alguns aspectos do modo como se comportavam, e como viam a si mesmas, o mundo e os homens. Eu deslumbrei apenas fugazes e indefinidas sombras. Nenhuma de suas palavras sobreviveram. Todo o discurso atribuído a elas naquele período é masculino. [48]

De fato, o que apreendemos dessas mulheres são imagens fugidias, porém há algumas de suas palavras que resistiram ao discurso masculino e ao tempo. Um exemplo é a poesia das *trobairitz,* trovadoras provençais, cujo principal nome é o da Condessa Beatriz de Dia (1140-1212), citada por Duby[49] não como contraponto à ausência da voz feminina, mas para suspeitar da sua real existência. Ele não desenvolve o assunto e não se debruça sobre a literatura lírica, talvez por já ter nos dado a informação de antemão de que não é um historiador da literatura. Talvez porque seu projeto historiográfico não englobasse essa perspectiva ou talvez englobasse, mas não houve tempo para sua concretização. O fato é que

---

46 DOSSE, François. Morte de Georges Duby é o fim de modelo: entrevista. [5 de dezembor de 1996]. São Paulo: *Folha de São Paulo Ilustrada.* Entrevista concedida a Luiz Antônio Ryff. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/12/05/ilustrada/29.html. Acesso em: 02/04/2017.

47 COSTA, Milton Carlos. *Compreender Georges Duby. Introdução à obra de um medievalista dos Annales.* São Paulo: Alameda, 2015, p. 55.

48 DUBY, Georges. *Women of the twelfth centuryi: Eve and the Church.* Chicago: The University of Chicago Press, 1998, p. 121. Tradução da autora. Original: Some fifteen years ago, at the very end of my book, *The Knight, the Lady and the Priest,* I posed the question: how much do we really know about women? Since then I have been seraching among all the traces left by the women of the twelfth century. I had become fond of them. I knew very well that I would see nothing of their faces, their gestures or ther way of dancing or laughing, but I hoped to catch sight of some aspects of the way they behaved, ando f how they saw themselves, the world and men. I have glimpsed only fleeting, elusive shadows. None of their words has survived. All the speech that was attributed to them at the time is masculine.

49 DUBY, Georges. *Women of the twelfth centuryi: Eve and the Church.* Chicago: The University of Chicago Press, 1998, p. 82.

esse é um tema ainda em aberto e que pode suscitar diferentes perspectivas, conclusões ou até mesmo mais questionamentos porque, afinal de contas, a História continua.